

Trabalho e educação

Vamos aos fatos

O maior problema da educação brasileira
é o povo brasileiro.

Sinto muito, mas esta é a conclusão a que muitos de nossos educadores chegaram. Somos uma nação materialista, concretista, imediatista, consumista e de moral heterônoma. E em uma sociedade assim, a educação perde completamente seu valor libertário, sendo ligada apenas em seus objetivos utilitaristas, portanto, o que vivemos é uma crise de valores histórica, que hoje culmina no caos educacional.

Uma sociedade materialista não pode valorizar a educação, por que o processo educativo não é direto, não trabalha com o que é financeiramente vantajoso diretamente.

O processo de formação de um indivíduo é composto pelo desenvolvimento da capacidade de abstração, fundamental para o pensamento crítico. O que é absolutamente desvalorizado por um povo que vive de prazeres materiais.

Educação demanda muito tempo, o que não é compreendido por um povo que trabalha exclusivamente pelo salário no fim do mês e não é preparado para planejar e esperar. Além de demandar investimentos e retorno a longuíssimo prazo, o que não é vantajoso para uma nação totalmente voltada ao consumo.

Mas tudo isso, não causaria tantos estragos, se não fossemos uma nação de moral heterônoma, o que quer dizer que somos uma nação que só segue a moral do mais forte, que não consegue conceber seus próprios valores, e que altera as regras, ou as desrespeita, todas as vezes que vê a possibilidade de obter vantagens.

O interessante, é que a moral heterônoma, é característica, segundo Piaget, de crianças entre 9 e 10 anos de idade, portanto, somos uma sociedade pré-adolescente.

É por esses motivos, que acredito que a solução real para os problemas da educação brasileira não reside apenas em melhores escolas, melhores salários, melhores condições técnicas e nem em mais tempo de estudos, e muito menos em mais leis. Nós devemos e precisamos criar valores nacionais.

Uma sociedade não é composta apenas por indivíduos, na verdade, a sociedade não é feita de indivíduos, mas das inter-relações entre esses indivíduos. Para explicar melhor, me aproprio de um exemplo do livro Ponto de Mutação do físico F. Capra.

Imaginemos que cada nota musical da Nona Sinfonia de Beethoven fosse um ser humano. O que produz a tal sinfonia é a relação estabelecida entre essas notas, e não a nota em si. Uma nota sozinha ou milhares de notas dispostas aleatoriamente, nunca produziriam tal obra prima. Da mesma forma que, se quisermos uma sociedade melhor, devemos melhorar as inter-relações entre os indivíduos.

Desta forma, devemos focar nossos esforços nas inter-relações que irão ser estabelecidas, criadas e vivenciadas pelos indivíduos. E essas inter-relações serão baseadas nos valores que cada um deles adquirirá e construirá durante sua formação.

Neste ponto, caímos em uma discussão endêmica a todas as salas de professores do país, e que, salvo raríssimas exceções, nunca pude ver sendo discutida de forma mais abrangente e séria por quem é detentor do poder. De quem é a responsabilidade por ensinar valores a nossas crianças e adolescentes?

Com a desvalorização da educação e conseqüentemente do profissional da educação, este deixa de ser referência para pais, crianças e adolescentes. Isso levou muitos professores à conclusão de que a responsabilidade pelos valores é exclusiva da família.

Ao mesmo tempo, as relações sociais começaram a ser mais complexas, com pais divorciados, tecnologia, luta contra preconceitos, acesso a informação ilimitada, o que deixou nossas famílias completamente perdidas quanto à educação de suas crianças.

Por isso, devemos deixar o senso comum de que nascemos naturalmente prontos a educar nossos filhos. Sim, é instintivo o cuidar de nossos filhos, ensiná-los algumas ferramentas de convívio social como andar, falar, etc. Mas não é instintivo o educar em seu significado mais profundo. Valores éticos e morais e ensinar a pensar criticamente não surgem “magicamente” quando a mãe dá a luz a seu filho, ou quando o pai o vê pela primeira vez.

O filósofo e educador Mário Sérgio Cortella nos diz que o *Homo sapiens* não nasce humano, mas aprende a ser um humano ao longo de toda sua vida. E isso não é uma afirmação filosófica, é uma afirmação científica apoiada por diversas correntes da psicologia da educação. Percebemos, assim, que é imprescindível solucionar este problema, pois nossas crianças não estão se tornando humanos, mas outra coisa qualquer!

É por isso que ALGUÉM deve assumir a responsabilidade pela formação de valores nacionais, valores que sejam universais para todos os membros, não de nosso país, mas da nação brasileira. E isso não precisa de leis, mas de EDUCAÇÃO. Por isso, o único grupo capacitado para empreender tais mudanças é o dos Educadores.

Mas como? Como dar esta responsabilidade a Educadores quando eles mesmos já deixaram de assumi-la?

A responsabilidade de ensinar valores deve ser chamada pelos Educadores, mas toda a nação deve estar realmente unida em promover tal mudança. Se isso é possível? Sim, é muito possível! E digo isso para a felicidade de todos os professores de História, pois basta estudá-la e vamos encontrar motivos para acreditar nisso.

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, tendo um mundo completamente reorganizado, uma Europa destruída e o exemplo da Crise de 29, o analista de varejo Victor Lebow defendeu a seguinte idéia:

"Nossa economia altamente produtiva exige que façamos do consumo nosso meio de vida, que devemos converter a compra e o uso desses bens em rituais, que busquemos nossa satisfação espiritual, a satisfação do nosso ego, no consumo. Nós precisamos ter coisas consumidas, queimadas, substituídas e descartadas de modo mais e mais

acelerado." (Retirado do documentário A HISTÓRIA DAS COISAS, disponível na internet)

Temos de admitir que a idéia funcionou. E funcionou tão perfeitamente que os EUA não deixaram de exportá-la para todos os possíveis mercados consumidores de seus produtos.

O problema é que o Brasil era um desses mercados e estava "engatinhando" sua industrialização. Sua história como país estava começando, e não tinha ainda uma identidade real. Aliado a isso uma massa analfabeta, ignorante e despolitizada, tivemos como resultado um povo que assume, profundamente, como satisfação espiritual o comprar, o ter, o gastar. Formando assim esta nação, sem identidade, voltada ao consumo e à sobrevivência, no seu sentido mais egoísta.

Ora! Se eles conseguiram mudar os valores mundiais utilizando a Mídia, nós podemos mudar os valores nacionais também utilizando a Mídia, aliada e apoiando um exército de Educadores! Sim, nós podemos reverter este processo!

Professores valorizados e preparados. Uma Mídia Infantil mais voltada à formação do que ao entretenimento. Uma educação voltada para formar o verdadeiro cidadão, ensinando a pensar e agir como cidadão, ter valores de cidadão e ser crítico como cidadão. A valorização do mérito, através de mudanças na estrutura administrativa das escolas, da integração entre ensino, esporte e trabalho. Esses são passos fundamentais para sairmos do caos, pois uma Educação torpe é fruto de uma sociedade torpe e mantém a sociedade eternamente torpe.

Por fim, arrisco-me cheio de esperanças a parafrasear Lebow:

"Nossa condição de miséria social e humana exige mudanças. Exige que façamos do refletir nosso meio de vida, que devemos converter a dúvida, a busca do conhecimento, e o uso do intelecto em rituais, que busquemos nossa satisfação espiritual, a satisfação do nosso ego, no diálogo, no respeito, no aprender, e no trabalhar. Não precisamos ter coisas, mas criar nossos valores. Não precisamos ter riquezas, mas sabedorias. Precisamos que cada ato seja analisado, pensado, questionado, discutido, refletido, vivido de modo mais e mais lento e cauteloso."

*Autores: Carlos Alberto Portscheler
Johann Monteiro Portscheler*